



קהילת אור ישראל
KEHILAT OR ISRAEL

PARASHAT TETZAVÊ

Shabat 15 de Adar/5781 | 26 de Fevereiro /2021

Acendimento das Velas: 17:16

Término do Shabat: 18:13

SABEDORIA NO CORAÇÃO

DVAR TORÁ

Na nossa Parashá, Hashem pede a Moshe que fale com os sábios de coração para construir o Mishkan. Diz o Netziv: Em principio, a sabedoria vem do cérebro, não do coração! E explica: Aqui, a Torá está se referindo a outro tipo de sabedoria: a sabedoria do coração, irat shamaim (reverência a D-us)! Como está escrito no Tehilim: “O início da sabedoria é irat Hashem”. O Baal Haturim revela que a palavra irat (reverência) tem a mesma numerologia de chachmei lev (sábios de coração).

Mas por que “sabedoria”? Explica o Rav Kook: Muitos sabem o correto, mas não é só por isso que viverão de acordo com o que sabem. É necessário investir muita sabedoria de irat shamaim para igualar o “querer” ao “saber”. Por isso, para construir o Mishkan, é necessário ter sabedoria no coração também!

HILCHOT KIDUSH

HALACHÁ

Existe uma mitzvá da Torá de fazer kidush no Shabat, ou seja, santificar o Shabat com a boca, como consta no passuk *zachor et iom hashabat lekadesho*. De acordo com a Torá, para cumprir esta mitzvá, é suficiente que façamos uma brachá santificando o Shabat, mas nossos sábios determinaram que essa mitzvá deve ser feita junto com o vinho (*ein kidush ela al iain*): na hora da refeição, fazemos primeiro a brachá de “borê peri haguefen” com uma taça de vinho e logo depois fazemos o kidush. As mulheres também são obrigadas a cumprir esta mitzvá igual aos homens.

Existem vários costumes de como proceder em casa quanto ao kidush: 1. Só o baal habait faz o kidush e todos cumprem a mitzvá escutando. Neste caso, só o baal habait precisa ter uma taça de vinho. 2. Todos os homens da casa, a partir da idade de bar-mitzvá, fazem o seu próprio kidush. As mulheres, de qualquer maneira, costumam escutar o kidush do marido ou do pai e não fazer kidush. Cada um deve seguir o seu costume. Todos os costumes são bons.

PERGUNTAS DA PARASHÁ

- 1. Por que o nome de Moshe não é mencionado na Parashá e o que aprendemos com isso?** Em resposta às palavras de Moshe após o pecado do bezerro: “Por favor, apague-me de seu livro”. Aprendemos a regra: Algo que sai da boca de um tzadik não tem volta.
- 2. Qual das vestimentas do sacerdote era colocada: a. Na sua cabeça b. Na sua testa c. No seu coração?** a. Mitznefet. b. Tzitz. c. Choshen.
- 3. O que estava gravado no tzitz de ouro na testa do sumo sacerdote?** *Kodesh lahashem*.
- 4. Qual o significado do nome “Urim vetumin”?** Luzes (urim) = iluminando o caminho de Israel; puros (tumim) = ensina a ser puro no trabalho de D-us.
- 5. Eu sou a decoração de uma das roupas do sumo sacerdote e tenho o nome de uma fruta. Quem sou eu?** Romã.

SHOFTIM – INTRODUÇÃO

Começamos esta semana um novo livro do Tanach, o livro de Shoftim, Juízes.

O falecimento de Yehoshua foi um marco na história do povo judeu. O grande líder que completou a jornada de Moshe Rabenu, levando Am Israel à terra de Israel, se foi. Porém, aquela geração não ficou órfã. Yehoshua deixou na liderança os anciãos do povo, conhecidos da primeira Mishná em Pirkei Avot por terem recebido a Torá de Yehoshua, tornando-se, assim, o próximo elo da corrente judaica.

Yehoshua foi um verdadeiro líder, não só alguém que ocupava um posto alto no comando do povo, mas alguém que educava e mantinha a nação judaica conectada com as palavras de Moshe e a vontade divina. Em seus dias, e assim também nos dias dos anciãos deixados por ele no poder, o povo seguiu os caminhos de Hashem.

Neste novo livro, o livro de Shoftim, encontraremos os desafios dos descendentes daqueles que saíram do Egito ao se verem morando em uma sociedade aberta, uma sociedade que se espalhará por toda Israel, misturando-se parcialmente com os habitantes dessa nova terra. Possivelmente, uma das épocas mais conturbadas da história judaica. Não mais a vida no deserto, na qual todos viviam unidos em um único acampamento, livres de influências externas. Agora, cada integrante do povo judeu receberá sua terra, seu campo, e começará a viver sua vida ligeiramente afastado de todos.

Um círculo vicioso se repetirá no livro: O povo peca, abandona a fé de seus pais; o pecado traz o distanciamento divino e conseqüentemente o castigo pelos deslizes; a dor e o sofrimento causados pelos inimigos farão o povo se aproximar de Hashem, fazendo *tshuvá*; o arrependimento do povo fará com que Hashem mande um *shofet* (juiz), para liderar o povo e salvá-lo da opressão; porém, após a morte de cada *shofet*, novamente o povo cairá no pecado.

PENSANDO BEM: NAASSÊ VENISHMÁ

Na última semana, levantamos uma questão referente ao significado da tão famosa frase “naassê venishmá”, “faremos e (depois) ouviremos”: Será que a Torá nos educa à obediência cega?

Antes de mais nada, está muito claro na própria afirmação que a compreensão é parte integral do desenvolvimento do judeu. Se fosse o caso de obediência cega, não haveria necessidade de dizer “nishmá”, “ouviremos”. Dessa forma, é evidente que não negamos de forma alguma o entendimento das mitzvot, mas o impacto de “naassê venishmá” está na antecipação da ação à compreensão.

Essa antecipação indica que, apesar de ser importantíssimo ter compreensão e identificação pessoal paralela à ação, as mitzvot não são **consequência** de nosso entendimento e não estão condicionadas a ele. As mitzvot são, antes, comandos divinos, que provêm de uma fonte infinita de bondade, sabedoria e justiça, muito acima de qualquer conclusão humana em relação à verdade e muito além do alcance de nossa compreensão.

Essa afirmação é fonte de uma enorme alegria: sabemos que nosso D'us, assim como a forma de nos conectarmos com Ele, não é alguma suposição ou teoria humana, não estando presa, portanto, às limitações humanas.

